



JOURNAL OF
GLOBAL STUDIES

ISSN 1518-1219

<http://www.meridiano47.info>

Christian Vianna de Azevedo

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais, Departamento de Relações
Internacionais, Belo Horizonte – MG, Brazil
(azevedo73@hotmail.com)



ORCID ID:
orcid.org/0000-0001-7568-3692

Copyright:

- This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.
- Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.



Correlações entre migração forçada e terrorismo: reflexões sobre a crise dos refugiados na Europa

Correlations between forced migration and terrorism: reflections on the refugee crisis in Europe

DOI: <http://dx.doi.org/10.20889/M47e19019>

Resumo

A Europa têm sido palco de diversos atentados terroristas nos últimos anos. A recente onda migratória do Oriente Médio para a Europa contribuiu para a percepção de uma possível conexão entre refugiados e terrorismo. Há diversos argumentos a favor e contra desta suposta conexão. Todavia, este artigo busca demonstrar que 'ondas migratórias' ou 'crise de refugiados' não devem ser considerados como fatores que impulsionam ou ocasionam *per se*, ataques terroristas, pois não há evidências empíricas suficientes que comprovem o nexo causal entre migração forçada e terrorismo.

Abstract

Europe has been lately plagued by several terrorist attacks. The migration wave from the Middle East towards Europe has contributed to the perception of a possible connection between refugees and terrorism. There are many debates around this supposed connection, some in favor of it, and others not. However, this article aims to demonstrate that 'migration waves' or 'refugee crisis' *per se* cannot be considered as factors that promote or cause terrorist attacks. There is simply not enough empirical evidence to support the connection between forced migration and terrorism.

Palavras-chave: Terrorismo; crise internacional de refugiados; segurança internacional

Keywords: Terrorism; international refugees crisis; international security.

Recebido em 18 de dezembro de 2017

Aprovado em 24 de agosto de 2018

Introdução

Os atentados terroristas em Paris, no ano de 2015, têm transformado a crise migratória europeia¹ em um debate de segurança internacional. Muitos clamam por um fechamento das fronteiras da União Europeia e por uma restrição

1 Alguns autores observam que a atual onda migratória de refugiados em direção à Europa é a maior desde a Segunda Guerra Mundial. (RANDALL, 2016)

na mobilidade entre países do referido Bloco. Os proponentes de uma política de refúgios mais aberta se puseram, recentemente, na defensiva. As investigações dos atentados de 2015 na França sugerem que militantes do Estado Islâmico planejaram os ataques; e que, ao menos um dos perpetradores se passou por refugiado sírio. (NAIL, 2016; LENDARO, 2016; WIKE *et al.*, 2016; KIS-BENEDEK, 2016). Fatos como este fomentam debates sobre as questões dos refugiados² que têm chegado à Europa, mensalmente, aos milhares. Muitos se perguntam se a União Europeia têm se esforçado o suficiente para se proteger da ameaça terrorista, que pode surgir por meio de infiltração, entre os milhares de refugiados, de militantes do Estado Islâmico (ou outros grupos terroristas). Além do mais, uma vez que surgiram provas de que alguns dos perpetradores dos recentes ataques teriam cruzado diversas fronteiras, dentro da própria União Europeia, para chegar a Paris, têm-se debatido se o seu sistema de fronteiras abertas deveria ou não ser abolido. Na esteira destes argumentos, cresce também a demanda para que os países europeus ampliem, de imediato, sua cooperação em termos de segurança para protegerem suas fronteiras externas. (NAIL, 2016; LENDARO, 2016; WIKE *et al.*, 2016; KIS-BENEDEK, 2016).

A partir de 2015, a onda migratória do Oriente Médio para a Europa, em razão, principalmente, do conflito na Síria, contribuiu para o aumento da percepção de uma possível conexão entre imigração/fluxo de refugiados e terrorismo. Há diversos argumentos a favor e contra esta suposta conexão. (SARCINSCHI, 2016; NAIL, 2016; LENDARO, 2016; WIKE *et al.*, 2016; KIS-BENEDEK, 2016). O nexó terrorismo/migração é um tema fértil para pesquisa acadêmica, e merece atenção da comunidade científica, pois, atualmente, a névoa de incertezas que paira sobre este tópico têm prejudicado as autoridades políticas a tomarem decisões mais adequadas em termos de tratamento de migrações.

A ONU, por meio de sua agência de refugiados, ACNUR — Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados reconhece que, ao fim de 2016, novos recordes de migração forçada, em âmbito mundial, foram alcançados. Mais de 65 milhões de indivíduos, Mundo afora, forçadamente deixaram seus lares. Destes, aproximadamente 40,3 milhões foram internamente deslocados, outros 2,8 milhões buscaram asilo em algum país, e, por fim, 22,5 milhões de pessoas foram considerados refugiados. Destes 22,5 milhões, 55% deles são oriundos de três países: Síria (5,5 milhões), Afeganistão (2,5 milhões) e Sudão do Sul (1,4 milhão). (UNHCR, 2016).

Uma das maiores causas da migração forçada é a repressão estatal desmesurada, principalmente quando envolve ataques a populações civis, em um contexto de guerra civil, por exemplo³. Frequentemente, nesses casos, a violência se torna generalizada e propicia um cenário em que crimes de guerra e atos terroristas se tornam 'lugar-comum'. Do mesmo modo, a migração forçada também ocorre como subproduto de atos terroristas perpetrados por atores não estatais envolvendo

2 A ONU define o refugiado como sendo aquela pessoa que devido a um fundado medo de ser perseguido em razão de raça, religião, nacionalidade, grupo social específico, ou opinião política, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode, ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção do seu país de origem. (UNHCR, 2016).

3 Na Síria, por exemplo, o regime de Bashar al Assad têm atacado civis deliberadamente, como um objetivo de Guerra, de maneira a eliminar o 'porto seguro' dos insurgentes em meio da população civil. (SCHMID, 2016).

ataques deliberados a civis. Finalmente, outros fatores que contribuem para a migração forçada são as calamidades ambientais/degradação da natureza originadas através das mudanças climáticas, bem como a diminuição de oportunidades de trabalho, no país de origem. (SCHMID, 2016). Estes elementos concorrem, portanto, para o êxodo populacional de determinados países/regiões, em que os migrantes buscam se refugiar em países/regiões mais prósperas e estáveis.

Neste contexto de regiões de destino migratório, um cenário geográfico específico têm chamando nossa atenção de forma mais frequente, nos dias atuais: a Europa. As imagens de refugiados sírios amontoados em precárias embarcações e de crianças mortas em praias da Grécia causaram comoção no Mundo inteiro. Desde então a mídia têm dado especial atenção ao que se convencionou chamar de ‘crise migratória’ para a Europa⁴. (SARCINSCHI, 2016; LENDARO, 2016; MITCHENECK, 2016).

Paralelamente, vimos em 2016, a ocorrência do *Brexit*⁵, em que, no âmago de suas calorosas discussões estava a questão da migração transnacional, que foi associada, no caso, com questões de insegurança econômica e terrorismo global. Este fato demonstra como a questão da migração transnacional se constitui em um desafio estratégico para a União Europeia e sua integração. A aparente inabilidade da União Europeia em lidar com os desafios inerentes à chamada ‘crise migratória’, e as tensões dela derivadas, possivelmente nos indica que não há uma estratégia, no âmbito da União Europeia, ou seja, uma estratégia do Bloco, para lidar com os desafios impostos pela imigração em massa. Esta inabilidade, que se arrasta por mais de três anos, se traduz em discursos e posicionamentos precipitados a favor do nexos entre terrorismo e migração. (NAIL, 2016; LENDARO, 2016; WIKE *et al.*, 2016; MAZZUCELLI, *et al.* 2016).

Neste artigo, busco examinar, de maneira sintética, o tão propalado elo entre migração e terrorismo. Para tanto, indico uma definição para terrorismo que se adequa a este trabalho, e que, na atualidade, é das mais aceitas. Em seguida, exponho de maneira sucinta algumas conclusões e reflexões de trabalhos científicos atuais que tratam da questão. Logo após, de forma concisa, apresento algumas ponderações científicas acerca de outras consequências da migração forçada, no campo da violência política; igualmente, menciono algumas causas desses movimentos migratórios. Logo após, apresento alguns resultados de uma pesquisa de opinião recente, conduzida por renomado instituto de pesquisa, acerca do posicionamento dos cidadãos europeus frente à ‘crise migratória’ na Europa. Por fim, concluo que não há evidências empíricas que comprovem o nexos causal entre migração forçada e terrorismo.

4 Na verdade, praticamente toda a atenção da mídia têm sido voltada somente para apenas um subconjunto do universo da migração forçada: a dos refugiados, que deixam seus países de origem, ou seja aqueles 22,5 milhões, conforme mencionado acima. Estes (os refugiados) recebem não somente a maior parte da atenção Mundial, como também a maior fatia da assistência financeira. A questão, de igual gravidade, daqueles que foram deslocados internamente (40,3 milhões) é lamentavelmente ignorada; razão disso, provavelmente, é o fato de que estes não terem se deslocado para a Europa, ou para seus países vizinhos, e com isso não criaram um ‘problema’ transnacional. (MITCHNECK, 2016).

5 *Brexit* é um acrônimo que mescla as palavras “*Britain*” e “*Exit*”. Este acrônimo significa que o Reino Unido deixa de fazer parte da União Europeia. (HUNT; WHEELER, 2017). Para saber mais, há um excelente fonte da BBC, com inúmeras perguntas e respostas no seguinte endereço: <http://www.bbc.com/news/uk-politics-32810887> .

Examinando o possível nexos entre terrorismo e “migração forçada”

Ao nos debruçarmos sobre o possível nexos entre terrorismo e migração forçada, ou seja, terrorismo e refugiados⁶, é necessário que tenhamos uma definição para terrorismo. Apesar de a palavra ‘terrorismo’ ser vastamente utilizada, mencionada e falada, o termo ainda desafia uma definição mais abrangente e mundialmente aceita. Apesar de ser relativamente fácil identificar um ato que possa ser caracterizado de alguma maneira como terrorismo, diversos países têm se desdobrado para encontrar uma definição que seja aceita universalmente.

As Nações Unidas já tentaram, por diversas vezes, definir o termo ‘terrorismo’. Apesar de os países ocidentais, principalmente, já terem celebrado mais de uma dezena de tratados multilaterais sobre o assunto, englobando as atividades que poderiam ser consideradas terroristas, uma definição comum e amplamente aceita do termo ainda está por vir. (DUFFY, 2005; BHAT, 2014).

Para efeitos deste artigo, adoto a definição utilizada pela START (*National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism*) que é um dos centros de excelência em estudos de terrorismo, localizado na Universidade de Maryland/EUA. De acordo com a definição da START, um ato é classificado como terrorista quando ele é intencional, violento, perpetrado por atores não estatais, e que, também, preencha pelo menos dois dos três critérios seguintes: o ato ocorre fora de um contexto de guerra legítima, o ato tem a finalidade de alcançar objetivos sociais, econômicos, políticos ou religiosos, e, por fim, o ato tem como objetivo intimidar, coagir ou enviar uma mensagem a um determinado público que não sejam suas vítimas imediatas. (START, 2016). Creio que esta definição se adeque a este artigo, pois tem origem em uma fonte confiável e amplamente reconhecida⁷. Além do mais, ela é considerada por diversos experts como uma definição apropriada.

O recente incremento no movimento migratório de refugiados na Europa não é um fato recente. As migrações forçadas são inerentes à história humana, e vão continuar a existir, e seus impactos nos países anfitriões (países de destino) são sempre percebidos/sentidos de alguma maneira. Por essa razão, os movimentos migratórios e seus reflexos já foram objeto de estudo no passado. O impacto do fluxo de refugiados é um tópico que já foi discutido anteriormente, tanto na segurança doméstica quanto na segurança internacional, especialmente no período pós guerra fria.

Algumas das principais discussões conduzidas no período pós guerra fria, com respeito à segurança, se concentraram nos estudos das consequências dos movimentos migratórios para o conceito de identidade nacional (STIVACHIS, 2008), e os possíveis riscos de deflagração de guerras civis. (SALEHYAN; GLEDITSCH, 2006; BUHAUG; GLEDITSCH, 2008). Apesar de, pelos acontecimentos na Europa, vermos uma preocupação clara dos cidadãos europeus e seus governantes em relação às ondas de refugiados que chegam ao continente diuturnamente, e suas consequências no campo da segurança doméstica de seus países; há poucos estudos que focam na questão das conexões entre

6 Para efeitos deste artigo, trabalho somente com um subconjunto da ‘migração forçada’: o subconjunto dos ‘refugiados’. Por isso, trato os dois termos como sinônimos.

7 Entretanto, creio que esta definição não seja inteiramente despolitizada, porque ela exclui o chamado ‘Terrorismo de Estado’. Não vou adentrar na discussão sobre o ‘Terrorismo de Estado’ e suas controvérsias porque este tópico está fora do escopo deste artigo.

refugiados e terrorismo. (MILTON *et al.*, 2013; SCHMID, 2016). Os estudos de terrorismo e migração têm ocupado, academicamente, dois campos de pesquisa separados. Ainda que exista, Mundo afora, extensa literatura em terrorismo, especialmente após os atentados de 11 de Setembro de 2001, como também inúmeros estudos no campo de migração; no entanto, quase não há estudos aprofundados sobre a interseção dos dois fenômenos. (SCHMID, 2016).

Não obstante, há um estudo quantitativo, de maior envergadura, que abordou a relação entre refugiados e terrorismo. Este estudo indica que países com maior número de refugiados tendem a produzir mais violência política, na forma de terrorismo. (CHOY; SALEHYAN, 2013). Todavia, este estudo têm, a meu ver, um ponto fraco; pois, em suas análises, os pesquisadores não distinguem (para efeitos de seus diagnósticos) países em conflito, ou em regiões tendentes a conflitos longos e complexos, de países em regiões estáveis, não sujeitos a conflitos complexos. Pois, países que enfrentam conflitos armados, guerras civis, ou mesmo ataques terroristas constantes, por estarem em regiões propensas a conflitos diversos (conflitos étnicos e religiosos, por exemplo) tendem a ser instáveis política e economicamente, e por isso serem mais impactados por influxos de refugiados de maneira mais concreta. Nestes casos pode haver o efeito circular em que o terrorismo gera refugiados e os refugiados geram terrorismo.

Há um outro estudo que aborda a questão da convergência entre refugiados e terrorismo, através de análise de dados estatísticos extraídos principalmente dos bancos de dados da UNHCR e da ITERATE⁸. Essa pesquisa trabalha com um modelo que explora as características dos países de origem e destino dos refugiados, bem como as condições de vida dos refugiados no país anfitrião. Este estudo conclui que, os refugiados que se encontram em condições de vida miseráveis e difíceis em campos de refugiados⁹, ou que, independentemente de estarem em campos de refugiados, quando são maltratados no país anfitrião, se tornam presas fáceis para a radicalização terrorista e cooptação por organizações terroristas; pois, conforme este estudo busca empiricamente comprovar, condições deploráveis de vida somados ao sentimento de exclusão social seriam um terreno fértil para radicalização terrorista, por parte do refugiado. Em consequência, estes fatores acima mencionados poderiam motivar ações entendidas como terroristas, em que os refugiados, uma vez radicalizados, atentariam contra o estado que os acolheu. (MILTON *et al.*, 2013). Esta pesquisa deixa, porém, muitas questões em aberto, e, prudentemente, evita generalizar situações de convergência entre refugiados e terrorismo. De maneira similar, esse mencionado estudo é cauteloso, pois não afirma categoricamente as hipóteses denexo causal entre migração forçada e terrorismo.

Outros estudos científicos, sejam qualitativos ou quantitativos, revelam que o número de refugiados em um determinado país, ou o incremento no influxo de imigrantes, não têm nexode

8 ITERATE — *International Terrorism: Attributes of Terrorist Events*. ITERATE é uma base de dados cronológica (1968-2015) que coleta dados da mídia, pesquisa acadêmica, fontes abertas, e serviços de informação. Seus arquivos codificam os atentados por local, tipo de incidente, grupos e suas afiliações, características das vítimas e fatalidades, entre outros critérios catalográficos. (MICKOLUS *et al.*, 2016).

9 Há estudos específicos acerca de campos de refugiados e radicalização para terrorismo. Estas pesquisas tratam da questão da vitimização sofrida pelos refugiados, internos nestes campos, que são submetidos a condições de vida muito precárias e sem perspectiva de melhora socioeconômica. Nestes casos, os pesquisadores alegam que os refugiados se tornam suscetíveis a recrutamento por organizações extremistas. (SALEHYAN; GLEDTISCH, 2006; SALEHYAN, 2007).

causalidade com o número de atentados terroristas cometidos naquele dado país. Pois, segundo esses estudos, não há dados estatísticos suficientes para referendar a alegada conexão entre refugiados e terrorismo. (RANDALL, 2016; SARCINSCHI, 2016; MAZZUCELLI, *et al.* 2016; LENDARO, 2016; NAIL, 2016; SCHMID, 2016).

Afinal, os atentados terroristas ocorridos na Europa em anos recentes foram praticados por cidadãos europeus, descendentes de cidadãos originários de países do Oriente Médio, em segunda ou terceira geração, e que foram educados em um sistema ocidental, que supostamente os integrou em seus respectivos países europeus. (SARCINSCHI, 2016; NAIL, 2016).

Terrorismo é uma forma de violência política, mas não é a única. Há muitas maneiras pelas quais os refugiados podem vir a ser causa de violência política em um país anfitrião. Refugiados podem, por exemplo, trazer consigo grupos rebeldes, combatentes e armas ao país anfitrião. No caso de um conflito, como uma guerra civil, os rebeldes ou combatentes podem vir a buscar, por meio de solicitação de ‘refúgio regular’, o estabelecimento de um ‘porto seguro’ em um país vizinho, para, a partir daí realizarem ataques no seu país natal, por meio incursões transfronteiras. (SALEHYAN; GLEDITSCH, 2006; RANDALL, 2016). Grupos rebeldes podem ser fonte de insegurança para ambos países: o de origem e o anfitrião. Estes grupos, por vezes, demandam de seus anfitriões que ajam em prol de suas causas, no país de origem. Um exemplo disso foram as repetidas escaramuças de iniciativa da OLP (Organização para Libertação da Palestina), em 1970 contra Israel, quando, à época, centenas de seus membros estavam refugiados na Jordânia. As pressões geradas por Israel sobre a Jordânia provocaram, por fim, uma sangrenta luta entre forças jordanianas e a OLP. A Jordânia temia pela sua soberania na faixa de fronteira com Israel, em razão das constantes provocações aos israelenses, por parte da OLP, originadas em território jordaniano. (SALEHYAN; GLEDITSCH, 2006).

Outra maneira de refugiados causarem violência política em um país anfitrião ocorre por meio de apoio direto ou indireto a atores rebeldes locais, sejam eles atores étnicos ou políticos. Nos casos em que há similaridade étnica ou ideológica transnacional, grupos rebeldes locais, conscientes deste fato, buscam seduzir para sua causa os refugiados que chegam a seu país, dentre aqueles que comungam seus ideais. Assim eles aproveitam o fluxo de refugiados para, por exemplo contrabandear armas e infiltrar espiões; e desta maneira, otimizar sua luta contra seu governo. (SALEHYAN; GLEDITSCH, 2006). Este tipo de utilização do refugiado como causador de violência política ocorre constantemente em países da África e Oriente Médio.

Além disso, fluxos de refugiados podem prejudicar o equilíbrio étnico de um determinado país anfitrião, seja através da inserção de todo um novo grupo étnico no país, ou no acréscimo numérico de indivíduos de uma certa etnia. Uma mudança súbita nos padrões de distribuição étnica em certo país pode provocar um desequilíbrio político, e levar algum grupo a se sentir ameaçado. A partir de então, essas mudanças podem ser o estopim para um conflito. (STIVACHIS, 2008). Um caso ilustrativo desta hipótese ocorreu a partir de meados da década de 1970, quando uma migração em massa de refugiados palestinos para o Líbano gerou uma crescente reação negativa em outros grupos étnicos/religiosos pelo país afora, que, resultou, entre outros fatores, na guerra civil do Líbano. (SALEHYAN; GLEDITSCH, 2006).

Por fim, refugiados também podem ocasionar problemas econômicos e ambientais em países anfitriões que padecem de escassez destes recursos. Seu influxo pode influenciar negativamente no equilíbrio do mercado de trabalho, afetando questões salariais e promovendo escalada de preços, uma vez que os refugiados entrem no mercado de trabalho. Relativamente às questões ambientais, países com poucos recursos hídricos, pouca terra utilizável, deficiência habitacional, entre outras carências, podem ser afetados por ondas massivas de refugiados, e, conseqüentemente, disputas entre os refugiados e os habitantes locais podem emergir. (SALEHYAN; GLEDITSCH, 2006).

Como os europeus veem a onda recente de refugiados e seus possíveis riscos para o terrorismo

A Europa têm sido palco de diversos atentados terroristas nos últimos anos. Estes ataques têm causado mortes e sofrimento, como também têm disseminado o medo entre os cidadãos europeus. A simultaneidade entre os múltiplos ataques e a ocorrência da onda migratória de sírios, iraquianos e afegãos têm concorrido para o surgimento de conjecturas acerca desta conexão entre migração e terrorismo. Logo após os ataques em Paris e Bruxelas, este suposto nexos terrorismo/migração têm ocupado uma posição proeminente, por meio de um discurso poderoso relativamente ao desafio em torno da recente crise migratória para a sociedade europeia. Este discurso evoca reações hostis aos migrantes, tanto no âmbito da sociedade quanto das autoridades governamentais. O resultado disso têm sido a ocorrência de inúmeros atos de xenofobia, fechamento de fronteiras, construção de cercas em áreas fronteiriças, e até mesmo o confisco de bens dos imigrantes. Em uma outra esfera do debate, a discussão sobre refugiados têm sido trazida à tona, de maneira constante, por partidos políticos extremistas objetivando angariar o apoio de eleitores. A consequência disto é a crescente massificação do conceito de vínculo entre migração e terrorismo. (SARCINSCHI, 2016; NAIL, 2016; WIKE *et al.*, 2016; MAZZUCELLI, *et al.* 2016).

Um estudo detalhado publicado pelo renomado *Pew Research Center* em 2016, intitulado *‘Europeans fear wave of refugees will mean more terrorism, fewer jobs’* retrata, de forma gráfica e quantitativa, diversas opiniões colhidas entre cidadãos europeus, dos mais diversos países, no que diz respeito à onda migratória advinda do Oriente Médio e Norte da África, em anos recentes. O estudo ilustra que ‘onda de refugiados’ e ‘ameaça terrorista’ são assuntos interligados na mente dos cidadãos europeus. Em 8 dos 10 países europeus submetidos à pesquisa de opinião, metade ou mais dos pesquisados acredita que a vinda dos refugiados aumenta a possibilidade de atentados terroristas em seus países. Também é fato que, em 5 dos 10 países, mais da metade dos entrevistados se preocupam com o fardo econômico que terão que carregar, uma vez que eles creem que os refugiados vão tomar seus empregos, e sobrecarregar o sistema de assistência social de seus países. Por outro lado, em apenas 2 países, os entrevistados demonstraram temor de que os refugiados pudessem se tornar responsáveis por uma escalada na criminalidade. (WIKE *et al.*, 2016).

Uma vez que a maioria dos refugiados que afluem à Europa são originários da Síria e Iraque, e que, dentre eles, a maioria são muçulmanos, importante trazeremos à tona as conclusões da pesquisa no que diz respeito à percepção de preconceito religioso. Em relação às questões religiosas, em todos os países, os entrevistados demonstraram opiniões desfavoráveis em relação à religião muçulmana em intensidades variáveis. Todavia, somente em 4 dos 10 países os entrevistados foram majoritariamente desfavoráveis ao Islã. Geralmente, as atitudes negativas em relação aos muçulmanos estão atreladas à percepção de que eles não buscam assimilar a cultura do país anfitrião, e portanto, conforme os entrevistados, os muçulmanos não se preocupam em se integrar à sociedade como um todo. Em cinco dos dez países objeto da pesquisa, seis em cada dez entrevistados, têm essa opinião. (WIKE *et al.*, 2016).

Uma das conclusões mais importantes da referida pesquisa reside no fato de que a crise dos refugiados na Europa trouxe um contorno muito claro de divisões ideológicas profundas, em relação à visão que os europeus têm das minorias e da própria diversidade. Os entrevistados mais alinhados à direita, por assim dizer (em um espectro ideológico), expressaram mais angústia com o impacto dos refugiados, como também uma atitude mais negativa no tocante às minorias e, por fim, um menor entusiasmo por uma sociedade culturalmente mais diversa. Por outro lado, a pesquisa também revelou que o posicionamento ideológico não é o único ‘divisor de águas’ nas atitudes dos europeus, relativamente aos refugiados; em muitas das questões indagadas nos formulários de pesquisa, o nível de escolaridade e a idade do entrevistado também foram fatores cruciais. Pessoas mais idosas e aquelas menos escolarizadas expressaram opiniões mais negativas sobre os refugiados e as minorias. (WIKE *et al.*, 2016).

Conclusão

Os países de destino de migrantes em massa necessitam rever, de maneira profunda, como lidar com o fenômeno. O problema das migrações forçadas é algo que tende, em tese, a aumentar. A migração não é um fenômeno apenas originado por violência política, conflito armado e repressão estatal, mas também, têm sido originado, gradativamente, por fatores econômicos e ambientais. Migrações em massa advindos destes últimos fatores provavelmente crescerão muito nos próximos anos/décadas devido às aceleradas mudanças climáticas, diminuição gradual de oportunidades de emprego (em razão dos avanços tecnológicos), e do avanço inexorável da globalização. (SCHMID, 2016).

A aparente inabilidade atual dos dirigentes dos países da União Europeia em lidar com os desafios advindos da onda de refugiados dos últimos anos e suas conseqüentes tensões políticas nos levam a crer que há um descompasso em seus discursos sobre a acolhida dos refugiados *versus* políticas públicas implementadas. Conseqüentemente, parece que não há uma estratégia definida, no âmbito da União Europeia, para abordar o desafio da questão migratória de uma maneira abrangente e sustentável, por assim dizer. Em nível de discurso, ao que tudo indica, essa inabilidade se traduz em anuência com a narrativa que prega a convergência entre terrorismo e migração.

Nas fronteiras e aeroportos, o controle migratório têm sido largamente empregado como recurso de prevenção de terrorismo. Entretanto, sua crescente rigidez têm prejudicado os viajantes e imigrantes bem intencionados, e, por outro lado, pouco têm contribuído na eficaz prevenção de ingresso de viajantes mal-intencionados, sejam criminosos ou terroristas. O manejo do controle migratório de maneira excessivamente rígida traz como subproduto uma escalada da xenofobia, e, no longo curso, ao reduzir progressivamente o influxo de imigrantes em um dado país, prejudicam-se as possibilidades de contribuições positivas que imigrantes trazem para uma determinada sociedade.

Diante disso, o fenômeno da migração, para o cidadão Europeu comum, se tornou uma espécie de “invasão bárbara”, que ameaça a União Europeia. Todo imigrante e refugiado se tornou um potencial terrorista e vice-versa. O imigrante é o potencial terrorista escondido em meio à multidão de imigrantes, e o terrorista é o potencial imigrante pronto a se deslocar para a Europa a qualquer momento. Apesar de, por exemplo, os ataques terroristas em Paris terem sido perpetrados por cidadãos franceses, culpam-se pelos ataques a ‘falta’ de controles fronteiriços e a ‘onda de refugiados’. Pudemos ver ao longo deste trabalho, portanto, que não há evidências empíricas que comprovem o nexo causal entre migração forçada e terrorismo.

Por essas razões, tendo em vista a complexidade das questões migratórias atuais, brevemente expostas neste artigo; é de suma importância que o tema da convergência entre terrorismo e migração seja mais pesquisado, academicamente, e mereça uma maior atenção por parte da comunidade científica. Espera-se assim que, por meio de estudos mais consistentes na matéria, as políticas públicas de países anfitriões possam ser mais bem desenhadas, através de embasamentos coerentes; e melhor construídas, sobre alicerces científicos mais sólidos.

Referências bibliográficas

- BAHT, Neha. ‘My name is Khan’and I’m not a terrorist: intersection of counterterrorism measures and the international framework for refugee protection. *San Diego International Law Journal*. San Diego/CA. 2014.
- BUHAUG, Halvard; GLEDTISCH, Kristian Skrede. Contagion or confusion? Why conflicts cluster in space. *International Studies Quarterly*. Vol. 52, No 2. P. 215-233. 2008.
- CHOY, Seung-Wan; SALEHYAN, Idean. No good deed goes unpunished: refugees, humanitarian aid and terrorism. *Conflict Management and Peace Science*. Vol 30. No 1. P. 30-75.
- DUFFY, Hellen. *The war on terror and the framework of international law*. Cambridge University Press. Cambridge/UK. 2005.
- HUNT, Alex; WHEELER, Brian. Brexit: all you need to know about the UK leaving the EU. *BBC News*. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/uk-politics-32810887> Acessado em: 14/08/2017.
- KIS-BENEDEK, Jozsef. *Illegal Immigration and Terrorism*. *Journal of Security and Sustainability Issues*. Vol. 5. N.4. 2016. Budapest/Hungary.

LENDARO, Annalise. A 'European migrant crisis'? Some thoughts on Mediterranean Borders. *In Studies in Ethnicity and Nationalism*. Vol. 16, No 1, P. 148-157. 2016.

MAZZUCELLI, Colette; VISVIZI, Anna; BEE, Ronald. Secular States in a Security community: the migration-terrorism nexus? *Journal of Strategic Security* 9, No. 3. P. 16-27. 2016.

MICKOLUS, Edward; SANDLER, Todd; FLEMMING, Peter; SIMMONS, Susan. The International Terrorism: Attributes of Terrorist Events- ITERATE. 2016.

MILTON, Daniel; SPENCER, Megan; FINDLEY, Michael. Radicalism of the hopeless: refugee flows and transnational terrorism. *International Interactions*. Vol. 39. P. 621-645. 2013.

MITCHNECK, Beth. Inside out. How to help internally displaced refugees. *Foreign Affairs*. 22/01/2016. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2016-01-22/inside-out> Acessado em: 14/08/2017.

NAIL, Thomas. A tale of two crisis: migration and terrorism after the Paris attacks. *In Studies of Ethnicity and Nationalism*. Vol. 16, No. 1. P. 158-167. 2016.

RANDALL, David. Terrorism and Refugees. *In PAX et BELLUM Journal*. Student Journal of Peace and Conflict Studies. Vol. 3, No. 1, P. 46-55. Uppsala/Sweden. 2016.

SALEHYAN, Idean; GLEDTISCH, Kristian Skrede. Refugee Flows and the Spread of Civil War. Centre for Study of Civil War, International Peace Research. Oslo/Norway. 2006.

SALEHYAN, Idean. Transnational rebels: neighboring states as sanctuary for rebel groups. *World Politics*. Vol. 59. No. 2. P. 217-242. 2007.

SARCINSCHI, Alexandra. European refugee Crisis: Beyond Prejudice. *In Geopolitics and Geostrategies. Trends and Perspectives. Strategic Impact*. No. 2. 2016. Bucharest/Romania. 2016.

SCHMID, Alex. Links Between Terrorism and Migration: An Exploration. ICCT- International Center for Counter Terrorism- The Hague. ICCT Research Paper. 2016.

START. Global Terrorism Index. 2016. Measuring and Understanding the Impact of Terrorism. START. Institute of Economics and Peace. College Park/MA. 2016.

STIVACHTIS, Yannis A. International Migration and the Politics of Identity and Security. *Journal of Humanities and Social Sciences*, Vol. 2, No 1. P. 1-24. 2008.

UNHCR. United Nations High Commission for Refugees. Global Trends. Forced Displacement in 2016. 2016. Disponível em: <http://www.unhcr.org/5943e8a34> Acessado em: 14/08/2017.

WIKE, Richard; STOKES, Bruce; SIMMONS, Kate. Europeans fear wave of refugees will mean more terrorism, fewer jobs. Sharp ideological divides across EU on views about minorities, diversity and national identity. Pew Research Center. 2016. Disponível em: <http://www.pewglobal.org/2016/07/11/europeans-fear-wave-of-refugees-will-mean-more-terrorism-fewer-jobs/> Acessado em: 31/07/2017.